

## A CULTURA DA BANANA NO BRASIL

J. R. DE ARAUJO FILHO

*Conhecedor dos problemas do Litoral paulista e, em particular, da bananicultura regional, o prof. Dr. JOSÉ RIBEIRO DE ARAUJO FILHO, sócio efetivo da A.G.B. e 1º assistente da cadeira de Geografia do Brasil na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, elaborou o presente ensaio, em que estuda a cultura da banana em nosso país e, de maneira especial, no Brasil de Sudeste.*

A banana, fruta do povo. — Dentre as inúmeras variedades de frutas produzidas no Brasil, destaca-se a *banana*, não só por ser a mais disseminada, como também por ser a mais consumida por tôdas as classes sociais. Dai se tratar da mais popular de tôdas as frutas tropicais cultivadas no país.

Seu valor alimentício, seu preço relativamente baixo e o fato de ser produzido o ano todo contribuíram para que se tornasse mesmo, em certas zonas, um produto imprescindível no regime alimentar das respectivas populações, como acontece em áreas do litoral catarinense, cujas populações praianas têm, na banana, uma das bases de sua alimentação. Por outro lado, num passado não muito remoto, quando levas de imigrantes chegavam ao Estado de São Paulo, os que iniciavam sua vida como trabalhadores de fábricas ou nos transportes na capital paulista, alimentavam-se preferencialmente, nos primeiros tempos, de pão e banana, devido àquelas vantagens citadas. Os italianos, que então compunham os grandes contingentes de recém-chegados, eram tão grandes consumidores dessa fruta, que acabaram responsáveis por uma das denominações da mais cultivada espécie bananeira, entre nós — a *banana nanica*, também chamada *banana de italiano*.

Seu preço no mercado interno, embora com pequenas variações de uma área para outra, continua ainda em nossos dias relativamente baixo, especialmente se compararmos com os de outras frutas. Assim, com 5 ou 6 cruzeiros (preço da capital paulista, onde os níveis são os mais elevados do país), compra-se uma dúzia de

NOTA. — O presente trabalho foi especialmente elaborado para a revista *Fruits d'Outre-Mer*, editada em Paris.

bananas, enquanto o mesmo dinheiro mal dá para comprar meia-dúzia de laranjas ou um pêssego ou, então, uma maçã ou um caqui.

Se lembrarmos que a maioria da nossa população dispõe de poucos recursos, compreenderemos porque a banana é cada vez mais consumida no país, como o demonstram os dados estatísticos. De fato, o aumento da produção bananeira no Brasil é extraordinário, passando sua colheita, em cachos, de 80 milhões, em 1938, para 213 milhões, em 1955. Tal cifra corresponde a 3.225.000 toneladas de fruta. Ora, como não chegamos a exportar mais que uns 6%, em média, daquele total, pode-se ter idéia da importância do consumo interno, bem como do lugar preeminente que a banana vem ocupando na dieta do brasileiro.

Não é consumida apenas ao natural, depois de amadurecida, na qualidade de simples fruta de sobremesa, ou pelas classes pobres como alimento quase obrigatório; com ela se fazem, ainda, variados tipos de pratos da cozinha brasileira e inúmeras variedades de doces, desde a clássica *bananada*, que é a mais popular, até a *banana-passa*, a *farinha de banana*, etc., além da *banana cozida* ou, então, *frita*, que, com açúcar, constitui um dos petiscos mais tradicionais da nossa população.

Somos, assim, não apenas os maiores produtores, mas, também, os maiores consumidores de banana no Mundo. Cada brasileiro consome, em média, três e meio cachos de banana por ano.

A tropicalidade do clima brasileiro, permitindo a adaptação dos mais variados tipos de bananeiras em todas as regiões do país, bem como o fato dessa planta dar frutos o ano todo, concorreram, juntamente com seu relativo baixo preço, para que se tornasse a verdadeira fruta do povo.

Da Amazônia ao Brasil meridional se cultiva a bananeira. E onde quer que se vá, numa casa de fazenda, no interior, ou num rancho de praiano, por todo o litoral do país, nos grandes hotéis e restaurantes ou nos palacetes citadinos, como na cozinha do caipira, a banana está sempre presente, como a fruta diária a ser oferecida ao visitante.

A banana é das mais antigas frutas cultivadas no Brasil. Para aqui trouxeram os colonizadores portugueses as mais variadas espécies da *musa paradisiaca*, oriundas das suas colônias africanas e da Ásia das Monções, espalhando-as por todos os trechos do território brasileiro por eles penetrados. O clima quente e úmido da grande maioria das nossas regiões, bem como os tipos de solos, permitiram a rápida multiplicação das espécies de bananeiras, que acabaram entrando definitivamente nas paisagens culturais da nossa

terra, quer nas áreas rurais, quer nas urbanas. De fato, embora somente no século XX passássemos a ter extensas áreas cultivadas com bananeiras (pois apenas de há uns sessenta anos para cá tomou esta lavoura um sentido comercial), de há muito existiam por todos os Estados brasileiros pequenos *bananais* à guisa de cultura de subsistência, entremeando as antigas culturas comerciais do país, tanto as de exportação, como as de consumo interno. Assim, nos velhos engenhos de açúcar ou nas fazendas de café, jamais faltaram as bananeiras, quer nos chamados "pomares" das grandes propriedades monocultoras, quer mesmo espalhadas por diferentes áreas dos citados latifúndios, em geral em terras impróprias para o cultivo de cana ou de café (grotas, morros de encostas muito íngremes, zonas semi-alagadas). E nos quintais das grandes vivendas das velhas cidades brasileiras ainda se observam bananeiras dominando a paisagem vegetal; Salvador, Recife, Olinda, Cuiabá, Belém, etc., apresentam ao observador, além das relíquias do seu passado colonial, a colorida paisagem do casario e quintais enormes, onde, por entre uma extraordinária multiplicidade de plantas, a bananeira se destaca de maneira inconfundível. E, mesmo em nossos dias, nas cidades novas do interior, a bananeira não deixa de aparecer nos quintais.

Apesar dessa tão grande disseminação da *musa sapientiae* pelas variadas paisagens aqui criadas pelo europeu, não pôde ser ela considerada como cultura auxiliar e, muito menos, cultura comercial, na história da agricultura brasileira até fins do século passado. Aparece apenas como um dos tipos de *cultura de subsistência*, que se multiplicam pelo Brasil afora, entremeando-se, as mais das vezes, com outras culturas e constituindo o que já se convencionou chamar, entre nós, de *cultura promiscua* (1).

Quem visita trechos do litoral brasileiro de Sudeste pode observar o lugar ocupado pela bananeira nas pobres culturas "caieiras", de onde o nosso praiano procura tirar parte de sua alimentação cotidiana. Além da mandioca, alimento diuturno do homem litorâneo brasileiro, e do peixe, nem sempre conseguido, são por ele cultivadas umas tantas frutas, entre as quais, por suas extraordinárias vantagens, a banana. Disseminaram-se as bananeiras sem sentido de ordem ou técnica agrícola, por entre pés de cana, laranjeiras, limoeiros, naquela promiscuidade tão característica da agricultura praiana.

A bananeira, por conseguinte, de há muito tempo que é cultivada no país, embora sua importância econômica date apenas de

(1) Termo proposto por ARY FRANÇA em seu trabalho — *A Ilha de S. Sebastião — Estudo de Geografia Humana* — (S. Paulo, 1954) para caracterizar o amontoado de plantas cultivadas numa mesma e pequena área, pelo praiano.



há meio século e as suas áreas de plantação comercial se concentrem em trechos relativamente restritos do Brasil de Sudeste.

\* \* \*

Segundo os dados publicados pelo *Anuário Estatístico do Brasil — 1955* (ed. do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), foi a seguinte a produção, por Estados e Territórios, no ano de 1954:

<i>Região Norte:</i>	
Amazonas .....	Cachos 384 000
Pará .....	1 374 000
Rondônia .....	61 000
Acre .....	577 000
Rio Branco .....	49 000
Amapá .....	81 000
Total .....	2 526 000
<i>Região Nordeste:</i>	
Maranhão .....	5 385 000
Piauí .....	1 684 000
Ceará .....	15 349 000
Rio Grande do Norte .....	5 100 000
Paraíba .....	3 448 000
Pernambuco .....	14 403 000
Alagoas .....	3 152 000
Total .....	48 521 000
<i>Região Leste:</i>	
Sergipe .....	2 173 000
Bahia .....	7 648 000
Minas Gerais .....	28 127 000
Espírito Santo .....	10 547 000
Rio de Janeiro .....	26 074 000
Total .....	74 569 000
<i>Região Sul:</i>	
São Paulo .....	45 844 000
Paraná .....	5 243 000
Santa Catarina .....	8 979 000
Rio Grande do Sul .....	3 525 000
Total .....	63 589 000
<i>Região Centro-Oeste:</i>	
Mato Grosso .....	5 716 000
Goiás .....	3 279 000
Total .....	8 995 000
TOTAL do Brasil .....	198 200 000

## I — AS AREAS DE CULTURA

Tôdas as cinco regiões do Brasil produzem a banana, porque tôdas elas apresentam localmente — em áreas maiores ou menores — condições físicas boas para o desenvolvimento dessa *musácea*. Contudo, são relativamente poucas as áreas onde se pratica, comercialmente, a sua cultura. Salvo o chamado *Brasil de Sudeste* (centro-sul de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná), em cujos trechos mais apropriados se encontram as verdadeiras lavouras bananeiras do país, o mais corresponde a pequenas manchas de bananais, aqui e ali espalhadas nas áreas de culturas de subsistência ou, quando muito, pequenas "roças" de abastecimento local.

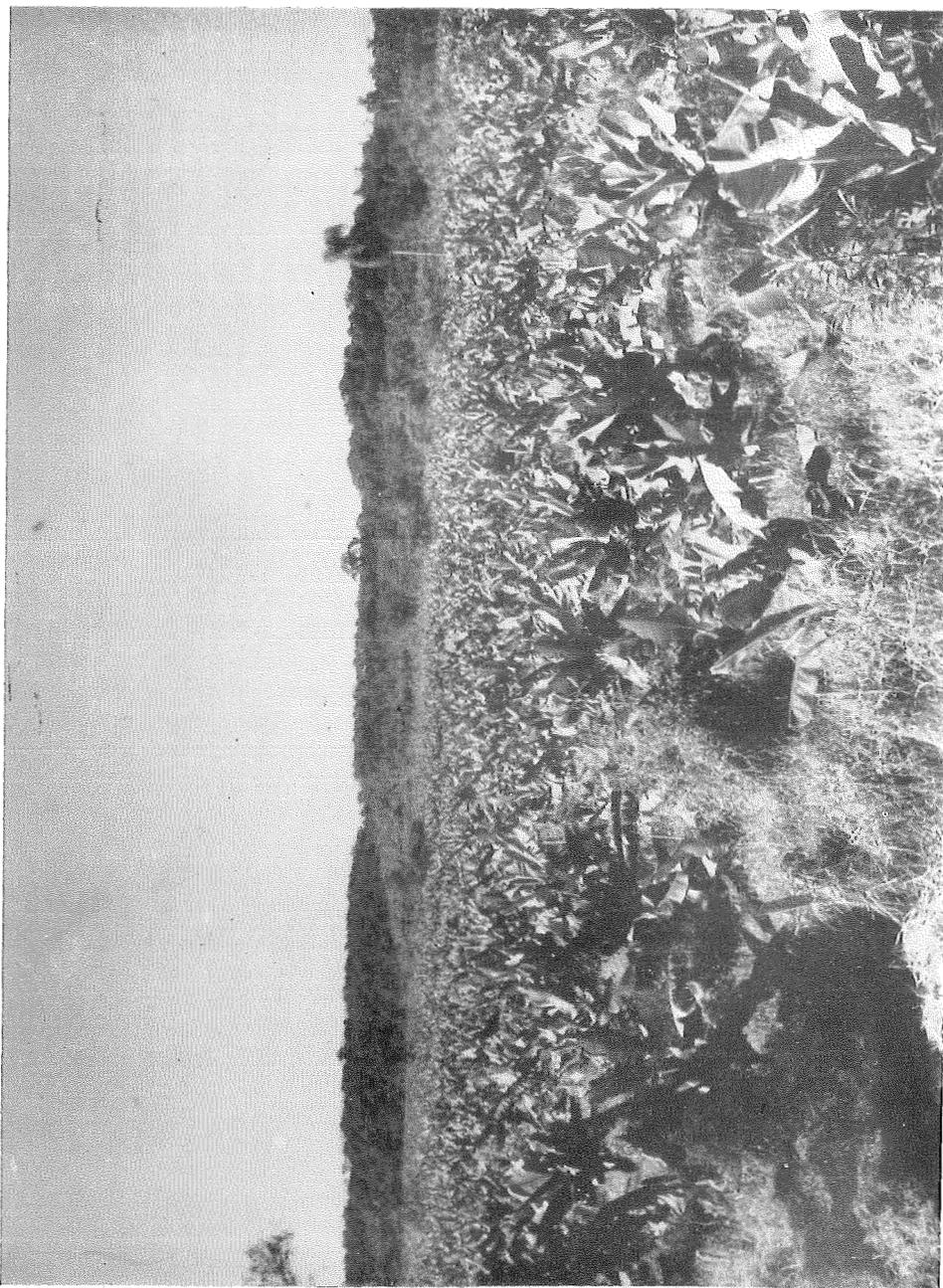
É o caso, por exemplo, dos bananais existentes nas zonas mais úmidas do Nordeste semi-árido, onde, ao lado das lavouras de cereais, plantam-se bananeiras de variados tipos ("Prata", "São Tomé", "da Terra", etc.); além disso, as encostas de serras e de chapadas do Ceará, os chamados *brejos* da Paraíba e de Pernambuco, assim como as *zonas de grotas* da Bahia são responsáveis pela maior parte das colheitas de banana dessas regiões. Áreas do Sul de Minas Gerais e do Recôncavo da Bahia, densamente povoadas, possuem bananais para fins comerciais, embora pouco densos e mal tratados, e, como os do Nordeste, com aqueles tipos variados de bananas. Já a Amazônia, que à primeira vista poderia ser uma grande zona bananicultora (pois seu clima quente e úmido constante oferece ótimas condições para a cultura dessa fruta) é a menor área produtora do país. Sua pequena e rarefeita população, além do atraso econômico em que ainda se acha aquela região, explicariam sua modesta posição frente ao Nordeste, semi-árido, mas densamente povoado. Entretanto, razões mais fortes parecem mostrar outras causas da pobreza amazônica em bananas. A má qualidade dos seus solos, nos baixos platôs arenosos e, muitas vezes, os depósitos lateríticos (2), bem como as dificuldades do aproveitamento de trechos das aluviões quaternárias da verdadeira planície amazônica, devido às enchentes (onde se encontrariam as melhores terras para a agricultura) são outros motivos, parece-nos, que se devem juntar aos primeiros citados. Pois se assim não fosse, poderia aquela região cultivar bananais para fins de exportação, desde que sua posição geográfica como que convida às relações comerciais com a América do Norte e a Europa, particularmente na chamada zona do Baixo-Amazonas.

(2) GOUROU (Pierre) — *Observações geográficas na Amazônia* — "Revista Brasileira de Geografia", ano XI, julho-setembro de 1949, n.º 3 e ano XII, n.º 2, 1950.

Na realidade, portanto, inúmeras são as áreas que produzem pouco ou poderiam produzir, comercialmente falando, lavouras de bananas. De fato, só uma região o faz, nos moldes econômicos — a do Brasil de Sudeste, cujas lavouras, além de suprirem cada vez maior mercado interno, concorrem também para os mercados de além-mar. Neste trecho do país, especialmente na sua orla litorânea, a par das ótimas condições naturais, registram-se também condições humanas propícias. É dos trechos mais densamente povoados do país, com os maiores e os mais numerosos centros urbanos, além de usufruir de uma situação geográfica especial, assegurada pela proximidade dos mercados consumidores do Rio de Prata. Isto tudo explica porque o Brasil do Sudeste produz cerca de 63% do total do país, ou sejam 125 milhões de cachos, quantidade que equivale ao que os Estados Unidos e a Europa Ocidental importam num ano. Dessa enorme quantidade de cachos de banana, as áreas costeiras da citada região produzem mais da metade. O restante é produzido no interior da região, nas áreas de planaltos (como as paulistas) ou em fundo de vales e meia-encostas de montanhas (como as de Minas Gerais, Espírito Santo e do Rio de Janeiro), mas em lavouras irregulares e com variedades diferentes de banana, destacando-se a “banana maçã” e a “banana ouro”, além da “banana da Terra”. Os frutos da “maçã” e da “ouro” são de tamanho reduzido, equivalente a um terço do tamanho dos frutos de uma “Gros-Michel” e à metade de uma “banana nanica”; mas, além de muito mais delicado, são muito mais saborosos que aqueles. Todavia, menor é seu rendimento por touceira cultivada. O mesmo acontece com os tipos da “Terra” e de “São Tomé”, apesar dos seus frutos serem dos maiores dentre as espécies bananeiras. Estas qualidades de bananas são produzidas somente para o mercado interno e o valor de seus frutos é muito superior ao apresentado pela “nanica”, chegando mesmo o preço da banana “ouro” a ser o dobro e o da “Terra” de três a quatro vezes mais (3). Desses quatro tipos de banana, o mais cultivado é a “maçã”, particularmente no interior do Estado de São Paulo, em trechos de áreas outrora somente cafezeiras, como nos municípios de Avaré, Bernardino de Campos, Campinas, Cerqueira César, etc. Parte da produção é consumida localmente e as sobras são enviadas à Capital paulista, que é um dos centros urbanos que mais consomem banana no Mundo, de 7 a 8 milhões de cachos, anualmente.

Contudo, à variedade “nanica” é que estaria reservada uma posição de destaque na bananicultura brasileira. A chamada *missa*

(3) Normalmente, o valor de uma dúzia de banana “nanica” é de 5 a 6 cruzeiros nas feiras da Capital paulista.



Bananal da região da Ribeira de Imahé, no município de Reaúto (Foto Jablonsky, C. N. G.).

*sinensis*, popularmente conhecida por "nanica" ou "banana de italiano", é hoje a mais difundida nas lavouras organizadas do país e sua importância é extraordinária, pois não só concorre com mais de 1/3 da produção total brasileira (assumindo, assim, um lugar de destaque no consumo interno), como, também, foi a escolhida para a exportação, cooperando assim, sozinha, para os mercados de além-mar. Sua área de produção, porém, ao contrário das outras espécies, é bem delimitada. Como suas lavouras são as melhores do país, além das mais importantes em quantidade, a seu respeito daremos maiores informações.

## II — A BANANA NO BRASIL DE SUDESTE

**As bases físicas da área bananicultora.** — Após os trabalhos de PRESTON JAMES, nos primeiros anos da década de 1930 (4), convencionou-se chamar de *Brasil de Sudeste* todo o trato de terras compreendido pelos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Sul do Espírito Santo e Centro-Sul de Minas Gerais.

É no Brasil de Sudeste que se encontra a totalidade da chamada *zona de montanhas* do país, a porção mais atormentada do relevo brasileiro, onde se sucedem altos planaltos dissecados, escarpas e serras de altitudes superiores a dois mil metros.

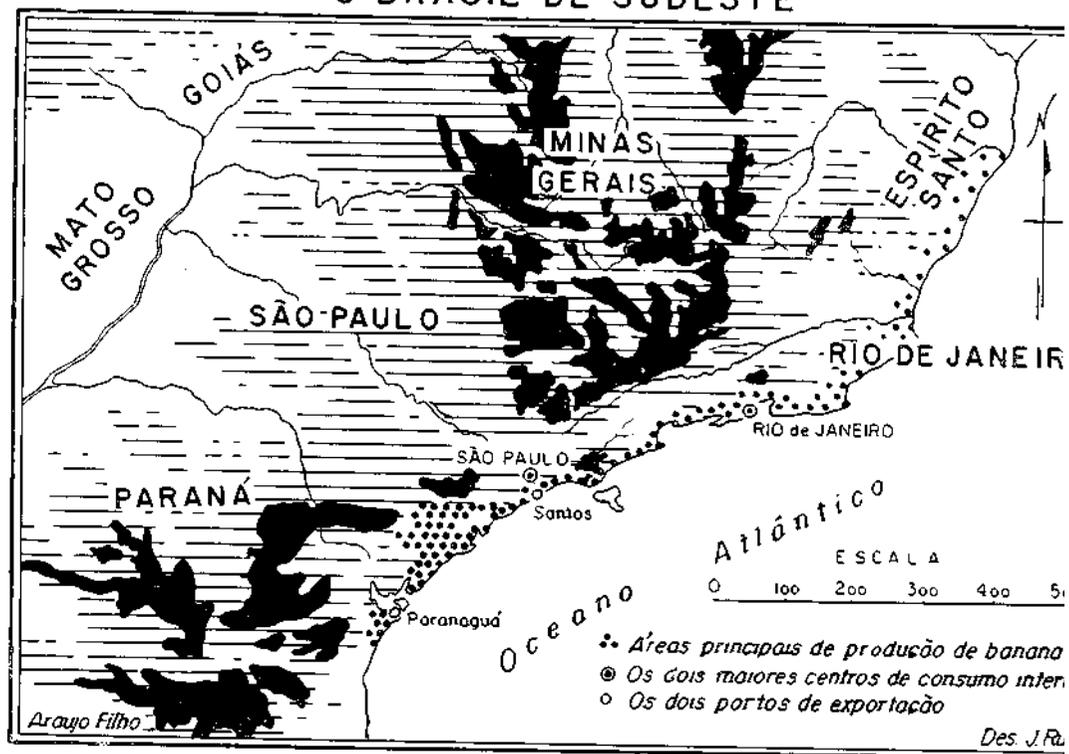
Segundo AZIZ N. AB'SÁBER, "é no Brasil Sudeste que são encontrados os maiores e mais originais acidentes topográficos do país. Aí, as regiões cristalinas pré-cambrianas foram arqueadas em excesso, tendo sofrido fraturas e falhas de grandes rejeitos, responsáveis pela gênese da Serra do Mar e da Serra da Mantiqueira" (5).

As *terras baixas* do Sudeste do Brasil ocupam pequena área da região e estão na zona costeira, formando as *baixadas litorâneas*: — são as planícies costeiras, alongadas e descontínuas, que vão do delta do rio Doce à baía de Paranaguá. Atingem o máximo de 75 km. (Baixada de Campos, no Estado do Rio de Janeiro), com penetração média para o interior de 15 a 20 km., desaparecendo em vários trechos, como no sudoeste fluminense e nordeste do litoral paulista. As escarpas da Serra do Mar separam-nas dos planaltos interiores e como que formam o seu pano-de-fundo, do nordeste fluminense ao litoral paranaense. Seus limites são, assim, bastante nítidos para o interior.

(4) JAMES (Preston E.) — *As Terras Cafeeiras do Brasil Sudeste* — "Geographical Review", Vol. 22 — n.º 2 — abril de 1937. — *A Configuração da Superfície do Sudeste do Brasil* — "Annals of the Association of American Geographers" — Vol. XXIII — Number 3 — 1933. Ambos os artigos foram traduzidos para o português e publicados, respectivamente, no "Boletim Geográfico" ns. 29 e 45, do C.N.G.

(5) AB'SÁBER (Aziz N.) — *O Relevo do Brasil* (Introdução e Bibliografia) — "Rev. da Univ. Catól. de S. Paulo", vol. XIII, dez.º de 1955, fasc. 16. São Paulo.

# O BRASIL DE SUDESTE



0 - 500

Altitudes (metros)

500 - 1000

Mais de 1000

- Áreas principais de produção de banana
- ⊙ Os Gois maiores centros de consumo inter.
- Os dois portos de exportação

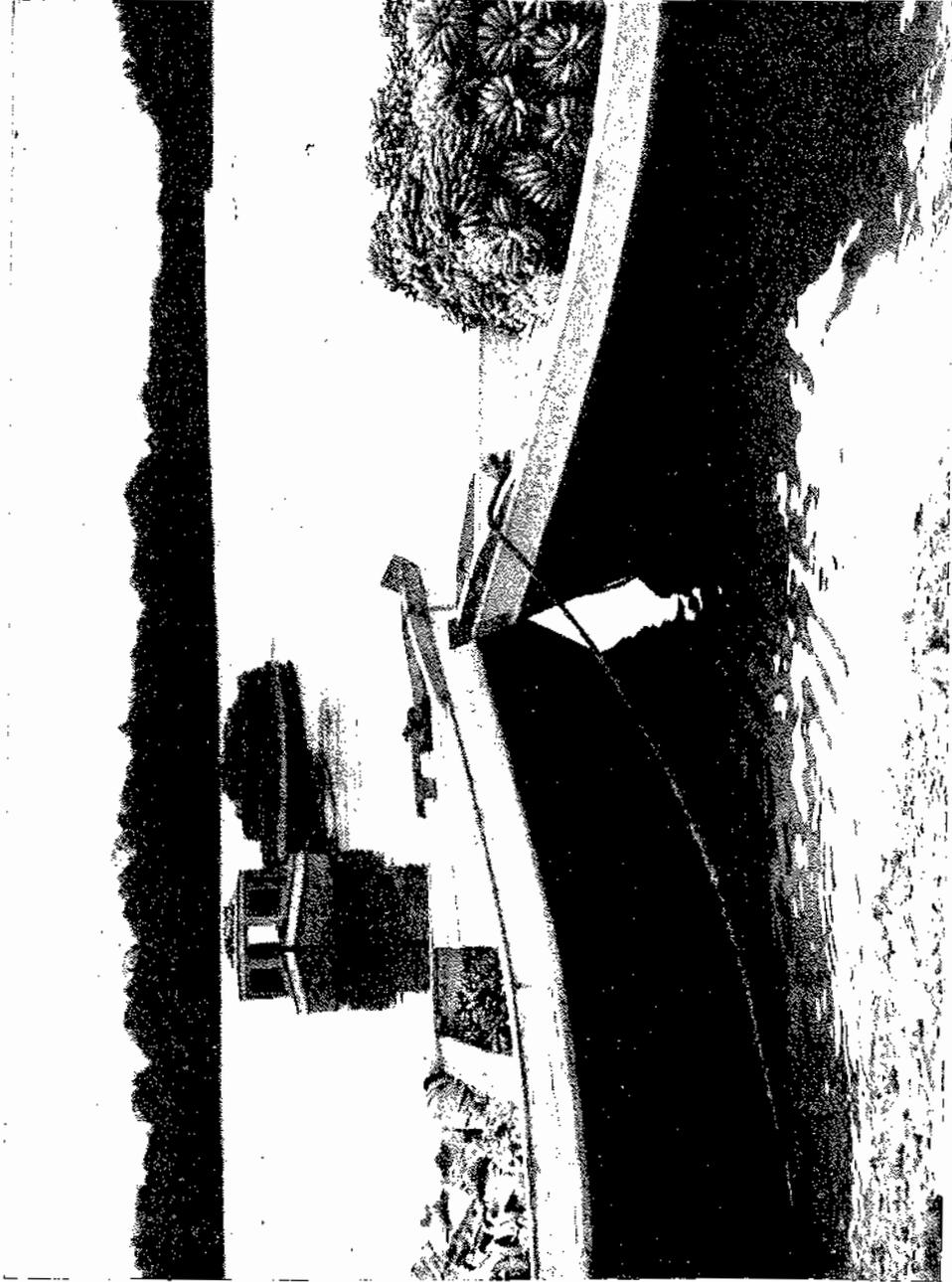
Salpicadas de morros e, até mesmo, de pequenos maciços litorâneos, isoladas da Serra do Mar, essas baixadas apresentam-se em seus traços gerais com grandes semelhanças entre si. No geral, formaram-se à custa de depósitos sílico-argilosos trazidos pelos inumeráveis pequenos rios que descem da Serra do Mar ou dos maciços costeiros, em cursos geralmente torrenciais. Alguns desses rios, excepcionalmente maiores e oriundos já do planalto, constituíram extensas *planícies fluviais de nível de base*, como as de Campos, Iguape e Itanhaém, formadas respectivamente pelos rios Paraíba do Sul, Ribeira de Iguape e Itanhaém. Tais planícies são limitadas, pelo lado do mar, por formações flúvio-marinhas e marinhas, que deram origem aos manguesais, praias e restingas. Muitas vêzes, estas restingas e mais as dunas chegam a impedir o escoamento normal dos pequenos cursos d'água, dando origem às lagoas costeiras ou, então, aos chamados "rios tapados" (*barrados*), muito comuns no litoral norte fluminense e no trecho sul da costa paulista. São poucos, assim, os rios que têm "foz livre", isto é, fácil para a navegação; mesmo os maiores, como os citados Paraíba do Sul, Iguape e Itanhaém, oferecem dificuldades à penetração de barcos. Acontece, porém, que justamente neste trecho litorâneo do Brasil, mercê do relêvo vizinho oferecido pela Serra do Mar e pelos maciços litorâneos (que, às vezes, chegam a ser tocados pelas vagas), a costa apresenta um verdadeiro rendilhado de enseadas, baías e pequenos gólfos, facilitando o aparecimento de portos seguros, de que são exemplos os dois maiores do país — Santos e Rio de Janeiro, bem como os de Vitória e Paranaguá.

Estes quatro importantes portos situam-se na entrada ou no interior de antigas "rias" e têm como seu imediato "arrière-pays" as respectivas baixadas litorâneas, onde, outrora, se desenvolviam lavouras de cana de açúcar ou de café e onde, hoje, se expandem principalmente as lavouras de banana, nas áreas mais baixas e alagadiças.

O clima tropical úmido, com médias de temperatura sempre superiores a 20º, e as chuvas, nunca inferiores a 1000 mm, bem distribuídas o ano todo, explicariam, em grande parte, as formações florestais aí existentes até há pouco tempo (6).

(6) As médias térmicas anuais, bem como a queda pluviométrica, variam pouco, nos trechos litorâneos:

	Temperatura média	Chuvus
Rio de Janeiro .....	22º	1.050mm
Santos .....	22º	2.290mm
Paranaguá .....	—	1.948mm
Vitória .....	—	1.620mm



*Carruagem e transporte da banana em chata rebocadas por laucha a paulista, no rio Itaúcaim.  
(Foto Jablonsky, C. N. G.)*

Já os *solos*, no geral, não são de boa qualidade, se nos lembrarmos que são extremamente silicosos e originários predominantemente de formações granito-gnáissicas da Serra do Mar e de outros núcleos de terrenos pré-cambrianos do Brasil atlântico. Comentando a grande massa em areias silicosas dessas planícies costeiras, diz A. N. AB'SÁBER (7):

“Espanta ao observador desavisado o volume das areias marinhas recentes, existentes nas planícies costeiras paulistas. Entretanto, a presença de altos maciços granito-gnáissicos ao longo de toda a costa, assim como suas extensões para o sul e para o norte, explicam suficientemente a fonte da sedimentação regional. O clima tropical quente e úmido decompõe as massas rochosas granitizadas e o mar seleciona os cristais e resíduos de cristais, dirigindo as acumulações e o espessamento das partículas silicosas nas zonas praianas e nas restingas”.

Salvo o chamado solo de “tabatinga” em pequenos trechos da *Baixada Santista*, no Estado de São Paulo, de cor escura, pegajoso, bastante rico em matérias orgânicas, e os da *Baixada Campista*, no Estado do Rio de Janeiro, onde as aluviões do Paraíba do Sul tornaram-nos dos mais férteis do nosso litoral, o restante é representado por solos pobres, com alto teor de areia. Sob um clima tropical úmido e trabalhados por métodos ainda arcaicos de agricultura, tais solos tornam-se imprestáveis após poucos anos de aproveitamento.

A cana de açúcar e o café exauriram os solos das colinas e baixas encostas dos morros que salpicam as planícies; a banana, nos últimos 50 anos, continuou empobrecendo os que compõem as baixadas propriamente ditas (9).

**A bananeira nanica e sua expansão.** — Foi exatamente em diversos trechos dessas baixadas litorâneas, que se formaram, nos últimos 50 anos, as maiores e as mais importantes lavouras bananeiras do Brasil, a princípio com espécies variadas (“prata”,

(7) AB'SÁBER (Aziz) — *Contribuição à geomorfologia do litoral paulista*. — “Rev. Bras. de Geogr.” ano XVII, jan.º — março de 1955, n.º 1, p. 23. Rio de Janeiro.

(9) Sobre as baixadas litorâneas do Brasil de Sudeste existe uma farta bibliografia, da qual destacamos: LAMEGO (Alberto Ribeiro) — *O Homem e o Brejo*, ed. do Conselho Nacional de Geografia; MENDES (Renato da Silveira) — *Paisagens culturais da Baixada Fluminense*, Boletim CX da Faculdade de Filosofia, da Universidade de São Paulo, 1950; GETZGER (Pedro P.) e MASQUITA (M.) — *Estudos Rurais da Baixada Fluminense*, Publicação n.º 12 da Biblioteca Geográfica Brasileira, do Conselho Nacional de Geografia; BERNARDES (Lysia C.) — *Livret-Guide*, n.º 5 — *Plaine Littorale et Région Sucrière de l'Etat de Rio de Janeiro* — Union Géographique Internationale — Rio, 1956; PARY (Louis) — *En Margue de L'Empire du café — La Façade atlantique de São Paulo*, Les Cahiers D'Outre-Mer, n.º 20, Octobre — Decembre, 1953 — Bordeaux; SILVEIRA (João Dias da) — *Baixas Litorâneas Quentes e Úmidas* — Boletim 152 da Faculdade de Filosofia, da Universidade de São Paulo, 1952; ARAUJO FILHO (J.R.de) — *A Baixada do Rio Itanhaém* — Bol. n.º 116, da Faculdade de Filosofia da Univ. de São Paulo, 1951; FRANÇA (Ary) — *A Ilha de São Sebastião — Estudo de Geografia Humana* — Bol. n.º 178 da Fac. de Filos. da Univ. de São Paulo, 1954.

"branca", "maçã" e "nanica") e, hoje, com predominância absoluta da banana "nanica".

As razões da primazia da "nanica" sobre os demais tipos de musáceas, nas lavouras paulista-fluminenses (sem dúvida, as mais importantes do país), são as seguintes: a) o pequeno porte da referida variedade, como o seu próprio nome o indica; b) o fato da bananeira nanica não sofrer tanto com os ventos fortes que sopram na região, particularmente o vento "Noroeste", oriundo do interior; c) o fato desse tipo de bananeira ser infenso às pragas, tais como o "Mal de Panamá" ou a "Sigatoka"; d) o fato de suas lavouras se desenvolverem uniformemente, produzindo cachos normais de 7 a 8 pencas para mais, com 180 a 200 frutos, em média. De sabor agradável, amadurecendo mais regularmente que os demais tipos de banana, sem perigo do apodrecimento rápido e, portanto, sendo mais resistente ao transporte, a banana "nanica" provou bem e sobressaiu-se economicamente nas ainda incipientes lavouras bananeiras do Brasil de Sudeste, de fins do século passado e primeiros anos do século atual, até superar por completo os demais tipos, como acontece nos nossos dias.

Foi no Estado de São Paulo que se fizeram as primeiras plantações de bananeira "nanica", para fins comerciais. Espanhóis, provenientes das Canárias, trouxeram as primeiras mudas, plantando-as em terras da Baixada Santista por volta de 1890.

Tendo obtido os primeiros resultados e com a grande procura do produto pelas populações do planalto paulista, especialmente os recém-chegados italianos, então predominando na cidade de São Paulo, os bananicultores espanhóis desenvolveram as suas plantações, seguidos, depois, por bananeiros portugueses e também por alguns brasileiros.

As terras baixas e alagadiças dos arredores de Santos e de São Vicente foram sendo aos poucos trabalhadas e, por volta de 1912, já os bananais paulistas produziam não só para o mercado interno, como, também, para a exportação, concorrendo com bananais já mais antigos, porém de bananeira "branca", dos litorais de Santa Catarina e do Paraná.

No ano de 1912, numa exportação total do Brasil de 2 596 810 cachos, o porto de Santos concorreu com 1 219 298 cachos, todos de banana "nanica". Era o início da grande expansão bananeira pelo litoral paulista e, daí, para as baixadas litorâneas do Estado do Rio de Janeiro.

O aumento da população do Brasil de Sudeste, que hoje conta com mais de 25 milhões de habitantes, possuidores do mais elevado

índice de vida do país (10), e mais a expansão dos mercados exteriores, especialmente os do Rio da Prata, ao lado das vantagens oferecidas pelo quadro natural das *baixadas litorâneas*, cuja posição geográfica é das melhores, no que diz respeito aos problemas do transporte, — eis os motivos que nos explicam a expansão, cada vez maior, dos bananais por esta orla litorânea brasileira.

Salvo os anos iniciais do atual século, quando então se faziam as primeiras experiências agrícolas e comerciais com o produto, podemos dividir a história da expansão bananeira pelo litoral de Sudeste, em dois períodos: 1.º o que medeia as duas Grandes-Guerras, isto é, de 1918 a 1939; 2.º o que se iniciou há uma década, caracterizado pela restauração dos bananais antigos e pela abertura de novos.

No *primeiro período*, os nascentes bananais da Baixada Santista tomaram pé, espalhando-se por tôdas as áreas aproveitáveis do chamado "gôlfo" de Santos, onde existem manchas do já citado solo de "tabatinga". Da Baixada Santista, atingem os bananais, para o norte, as baixadas da Bertioga, no vale do rio Itapanhaú, e a baixada do Juqueriquerê, no município de Caraguatatuba, além de áreas menores no município de São Sebastião. E, para o sul, a baixada do Itanhaém, que, na década de 1930, aparecia como a maior zona produtora. Isto sem esquecer trechos do Sudeste fluminense, nos municípios de Paratí, Angra dos Reis e Mangaratiba.

Esta expansão dos bananais por áreas paulistas e fluminenses se fêz, não apenas pelo crescimento dos mercados consumidores, mas, também, pelo empobrecimento das terras que primeiro foram ocupadas, especialmente as da Baixada Santista (11). Os métodos de cultivo, que descreveremos mais além, explicam, melhor que o cansaço do solo, o que já se convencionou chamar no Brasil a "corrida para as terras novas". Como os espaços agrícolas ainda existiam em abundância até há pouco tempo, o nosso agricultor preferia sempre ocupá-los, ao invés de mudar de técnica agrícola nas suas lavouras. Os bananais litorâneos são uma como que cópia, ainda que modesta, dos cafezais dos planaltos interiores, no que diz respeito ao avassalamento de terras novas.

(10) De acordo com o censo de 1950, feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população do Brasil de Sudeste seria de 19.500.000 habitantes.

(11) O caso da baixada do Juqueriquerê foi diferente; por volta de 1930, uma companhia de navegação inglesa — a "Blue Star Line" — querendo arranjar frete de retorno para os seus navios, que fazem a rota Londres-Rio-Buenos Aires, formou a "Companhia Brasileira de Frutas", e adquiriu mais de dois mil alqueires de terras na citada baixada, plantando imediatamente perto de dois milhões de touceiras de bananeira "manica". Quando os bananais estavam em franca produção, sobreveio a Segunda Grande Guerra, impedindo o transporte para a Europa. Os bananais ficaram, então, semi-abandonados.



*Desembarque da banana no pôrto de Itanhaím, dos chatões para os vagões do E. F. Sorocabana  
(Foto Jablonsky, C. N. G.)*

Ainda nesse primeiro período, assistiu-se à predominância das grandes propriedades, apesar de se denominar de "sítio" a uma fazenda de banana. O proprietário não mora no "sítio", que é dirigido pelo "feitor", assistido por turmas de "camaradas" volantes, diaristas ou mensalistas. É a monocultura latifundiária e comercial — a *plantation* moderna, com todos os seus males para a região onde predomina. No caso em foco, um "sítio" de banana só produz banana, abastecendo-se, de tudo o mais que necessitar, nos centros urbanos. Isto encarece o trato dos bananais e repercute no pagamento dos seus trabalhadores, cujo nível de vida, infelizmente, é dos mais baixos. Não atrapalha, porém, a vida dos seus proprietários, que são antes negociantes de banana, do que lavradores.

Já no *segundo período* que se iniciou logo após o término da Segunda Grande-Guerra (1945), embora a expansão por terras novas continuasse, o bananeiro começou a olhar mais para os problemas do trato da terra, como que querendo restaurar áreas semi-abandonadas. É assim que já se fala em adubação do solo, em "carpas" e "roçadas" mais frequentes, e num melhor cuidado com a fruta, desde o momento do corte do cacho.

Havendo a expansão continuado em direção ao sul, em terras de São Paulo, foram ocupados por bananais os vales dos rios São Lourenço, Juquiá e o baixo Ribeira de Iguape, agora não só nas baixadas, mas também nas encostas baixas e mesmo no costado dos morros, até 600 metros de altitude.

Novos proprietários de bananais apareceram e não mais apenas os antigos latifundiários espanhóis e portugueses, que haviam seguido a expansão até Itanhaém. Além de brasileiros, japoneses e seus descendentes passaram a entrar nos negócios da banana, em bases mais populares, com predominância da pequena propriedade, isto é, o verdadeiro sítio, de 20 a 40 000 touceiras, em média, arrematados em cooperativas.

Ao invés de trabalhadores assalariados, vamos encontrar "mei-eiros" e, mais ainda, "parceiros", no trato dos bananais.

**As lavouras bananeiras e sua técnica agrícola.** — Principiadas há mais de meio século, as lavouras bananeiras do litoral do Brasil de Sudeste foram organizadas sob técnicas as mais rudimentares, de acordo com as tradições até hoje vigentes em grande parte das lavouras tropicais do país. As zonas de matas primárias ou secundárias, que cobriam a maior parte das baixadas litorâneas, foram sempre as preferidas, desde que, nelas, os solos, além

de menos arenosos, têm uma camada de "humus", oriunda da própria existência da floresta.

Salvo trechos das zonas de mangues da Baixada Santista, mais fáceis de serem drenadas e cujos solos são bons, as demais áreas de manguesais do nosso litoral, bem como as cobertas pelo *jujú* (12), não são aproveitadas pelos bananicultores.

"O primeiro trabalho a fazer nessas áreas de florestas das baixadas foi sempre o da *roçada* do sub-bosque, o que se chama *limpêsa*, e que consiste no desbastamento dos arbustos, dos galhos mais baixos, dos cipós, de tudo enfim que dificulte a penetração e livre trânsito pela mata. Feita a limpêsa, inicia-se o *plântio*, com a abertura de covas mais ou menos alinhadas, com 4 metros de distância uma da outra, e onde se lança o rizoma (a *muda*, como é conhecida). Em seguida, faz-se a *derrubada*; vêm abaixo as grandes árvores que haviam sido deixadas intatas, quando do trabalho da "limpêsa". Oito ou nove meses depois, quando as touceiras se acham em pleno desenvolvimento, faz-se a *bateção da jangada*, que nada mais é do que o corte da galharia toda que está no chão, à custa da foice e do machado, bem como a separação dos troncos maiores, procurando-se livrar o bananal daqueles impecilhos que vieram abaixo, com a derrubada. Todo êsse conjunto vegetal, assim trabalhado, vai servir, nos primeiros anos, de verdadeira adubação natural ao solo recém-aproveitado. Já então, com mais de um ano, o bananal formado dá o seu primeiro cacho" (13).

"Iniciada a produção, o bananal passa a ser "roçado", no mínimo três e no máximo cinco vezes por ano, à foice ou a "ferro" (14), sendo êste último mais usado. Muitos bananeiros usam o processo da capina (15)".

(12) O *jujú* é um tipo de vegetação arbustiva, que muito lembra a dos "cerrados" dos planaltos interiores do país, com árvores de troncos retorcidos e de pequena altura (4 a 6 metros); marca um estágio de evolução da Mata Atlântica, em seu avanço sobre as terras recém-conquistadas ao mar.

(13) ARAUJO FILHO (J.R.de) — *A Baixada do Itanhaém* — pag. 63. — Sobre a cultura da banana na zona litorânea do Brasil de Sudeste, há uma série de publicações, umas essencialmente técnicas, outras de caráter geográfico: GRANATO (Lourenço) — *A Cultura da Bananeira*, São Paulo, 1913; SCRIABER (Carlos Borges) — *A Cultura Prática da Bananeira núnica no Litoral Norte Paulista* — São Paulo, 1934; CARVALHO (M. Conceição Vicente de) — *O Progresso da Cultura e do Comércio da Banana no Litoral Paulista*. — Anais IX Congresso Brasileiro de Geografia, Vol. IV, Rio de Janeiro — 1944; PAPPY — *En Marche de l'Empire du Café* — *La Facade atlantique de São Paulo*, pag. 388-392; ARAUJO FILHO (J.R.de) — *A cultura da banana na Baixada do Itanhaém* — Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Vol. IV, tomo I — São Paulo — 1949-1950; GERGER (Pedro P.) e MESQUITA (M.) — *Estudos Rurais do Baixada Itanhaémense*.

(14) *Ferro* é o instrumento agrícola também chamado *penado* ou *alfange* de feno, de forma curva e cabo curto, obrigando o trabalhador a manejá-lo em posição muito mais incômoda que a utilizada para a enxada.

(15) ARAUJO FILHO (J.R.de) — *A cultura da banana na Baixada do Itanhaém*, pags. 87-90.

Além das "roçadas", outro importante serviço nos bananais é a abertura de *valas de drenagem*. Situados em grande parte nas baixadas alagadiças, os bananais não podem permanecer encharcados. Embora a bananeira tenha necessidade premente de água abundante, não deve esta permanecer estagnada e nem mesmo correr pelos bananais a dentro. Em consequência, faz-se mister a abertura de valas, que constituem o serviço mais caro num bananal. As valas têm, em geral, um metro e meio de profundidade, por 60 centímetros de largura, e acabam constituindo uma verdadeira rede de drenagem por toda a lavoura.

Os serviços que acabamos de enumerar são os mais comuns. Todavia, num bananal já formado, há um importante problema a resolver, que é o "desbaste". Consiste na eliminação dos rebentos em excesso nas touceiras, pois, quando deixados, prejudicam a formação dos cachos, reduzindo-os no tamanho e na qualidade. Ao invés de cachos com 9 pencas ou mais, num bananal mal desbastado o número de *descartes* (16) supera o de exportação.

Roçadas, aberturas de valas, desbaste, — eis os serviços mais importantes que se observam nos nossos bananais litorâneos, ao lado, é claro, do trabalho das *colheitas*. Estas, aliás, compõem também um dos aspectos mais comuns numa lavoura de banana. Duas vezes por mês, em média, e, na época do verão, até três vezes, os bananais estão no que se chama "período de corte", isto é, época da colheita. Durante quatro dias, todos os trabalhadores do "sítio" são convocados para ajudar no corte; dois ou três homens dirigem-se aos "talhões" do bananal, munidos de "penado" e vão cortando os cachos que estão "de vez", isto é, mais gôrdos (17).

À medida que vão sendo cortados, os cachos são imediatamente carregados pelos demais trabalhadores, que os vão depositando nas "picadas" ou rústicos caminhos que se fazem no interior dos bananais, de onde são depois baldeados para as linhas de "troles", que os levam para o "pôrto" mais próximo, à beira de um rio ou de uma lagôa, onde são colocados em barcos de madeira, rebocados depois por lanchas a gasolina até o pôrto principal.

Das baixadas de Santos, Bertioga, São Vicente e Guarujá, a banana é levada diretamente dos bananais, nos citados barcos de madeira (regionalmente chamados *chatas*), até ao costado dos na-

(16) *Descarte* é o nome dado ao cacho de menos de 3 pencas e que não serve para exportação. Os *descartes* são deixados para o consumo interno, sendo São Paulo, Santos e Rio de Janeiro os seus maiores centros consumidores.

(17) Os chamados cachos "de vez", quando enviados para a Europa, são cortados na metade do seu tempo de amadurecimento; para a Argentina, com três quartos daquele tempo; e para o abastecimento interno, quase no ponto de iniciar o amadurecimento. Diz-se, então na terminologia bananeira: banana de "dois quartos" de "três quartos", banana "gôrda", etc.

vios surtos no pôrto de Santos. Já nos bananais do litoral sul paulista, isto é, do Itanhaém, dos vales do São Lourenço, Juquiá e Ribeira de Iguape, após o corte e em condições as mais diversas (linhas de "trole" ou "decauville", caninhões, cabos-aéreos, tropas de burro, etc.), a banana é levada à estação mais próxima da Estrada de Ferro Sorocabana (linha Santos-Juquiá) e, depois, em vagões de carga ("galeras") daquela ferrovia, diretamente a Santos ou a São Paulo.

Embora os cachos para a Argentina sejam empilhados no convés dos navios, completamente desprotegidos, os que se destinam à Europa são embalados em esteiras de tabua, de centeio e, mesmo em sacos de papel, forrados com capim. De modo geral, porém, os cuidados com a fruta são ainda bem precários e se não fôra a resistência e a certa rusticidade da banana "nanica", de há muito que estaríamos às voltas com problemas nos mercados externos.

**O homem do bananal.** — Nos dois primeiros períodos da expansão da lavoura bananeira no litoral do Brasil de Sudeste, isto é, de fins do século passado até o princípio da década de 1930, os chamados "sítios" de banana eram trabalhados por espanhóis e portugueses. Isto é fácil de compreender-se desde que nos lembremos de que seus donos eram também portugueses e espanhóis, em geral residentes em Santos, onde tinham os seus escritórios. Dali, através de um "feitor" (que, num "sítio", fazia o papel do "administrador" de uma fazenda de café), dirigiam seus bananais, cuja administração é das mais simples.

À custa de uns tantos trabalhadores especializados — como o "valeiro", o "desbastador", o "lancheiro" — e dos trabalhadores comuns e não-especializados, o bananeiro cuida da sua plantação. Esses trabalhadores não-especializados encarregam-se das "capinas" ou das "roçadas", do transporte dos cachos nos dias de corte e de serviços extras, que por acaso apareçam. São diaristas, recebendo em média de 60 a 70 cruzeiros, por dia de oito a nove horas de trabalho (1957); gastam, porém, de pensão, cigarros, fósforos, bebidas, etc., mais da metade daquela quantia.

Desde que os primeiros bananais se formaram na baixada litorânea, viram seus proprietários que não poderiam contar com o braço local, isto é, o praiano, que no litoral paulista é conhecido pelo nome de "caiçara". O praiano, devido a três males que o afligem desde criança — a *malária*, o *amarelão* e a *fome endêmica* —, nada ganhou com a abertura dos bananais litorâneos (18). A prova

(18) ARAUJO FILHO (J.R.de) — *A cultura da banana na Baixada do Itanhaém* — *O Caiçara na região de Itanhaém* — Boletim Paulista de Geografia n.º 2, julho de 1949, publicação da Seção Regional de São Paulo, da A.G.B..

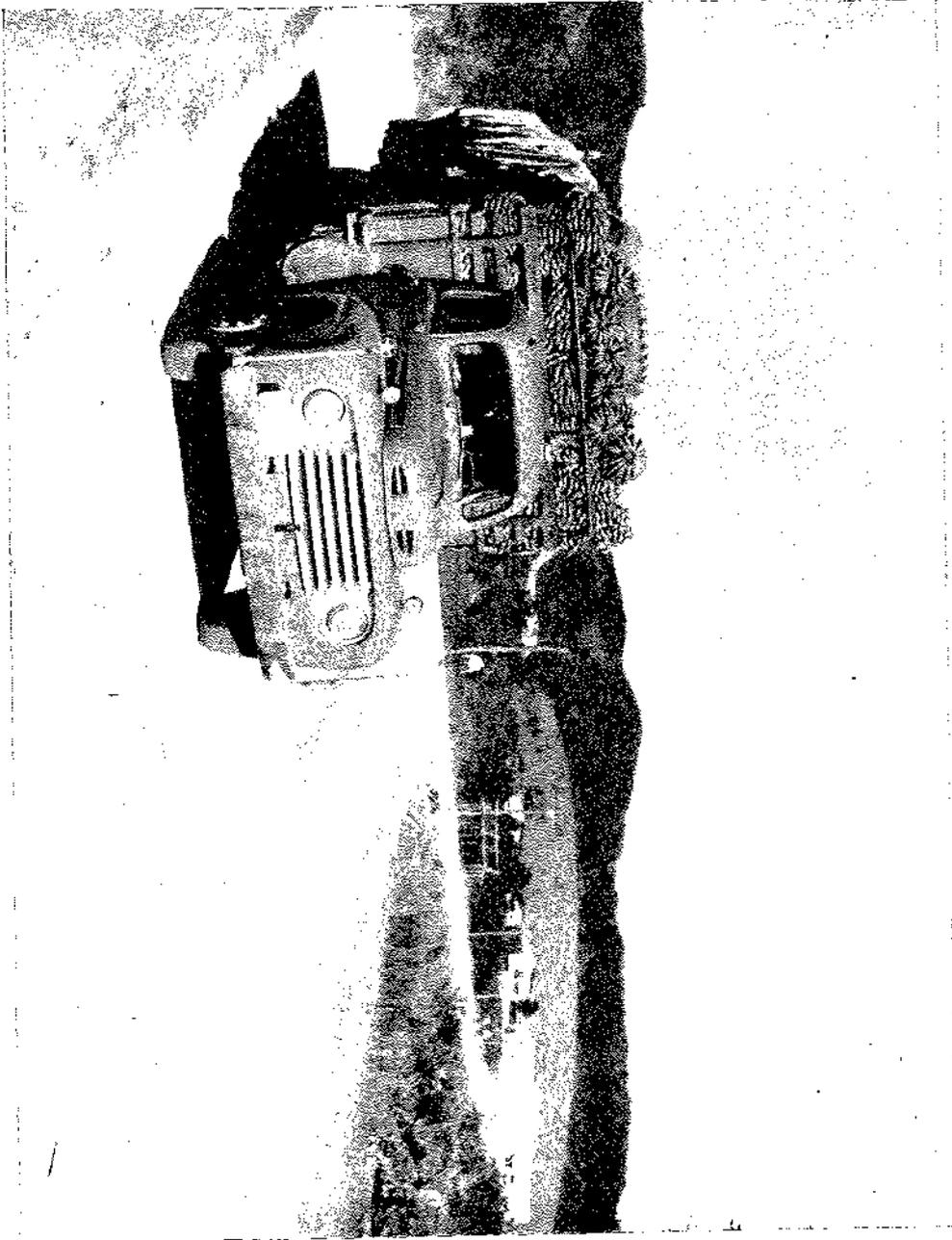
nos é dada pela permanência do seu gênero de vida, aliás dos mais primitivos, e pelo esforço que os donos de "sítios" tiveram que despende para conseguir os seus trabalhadores.

De qualquer forma, são alienígenas os trabalhadores nos bananais: *portuguêses* e *espanhóis* até por volta de 1925-1930; *caboclos* do interior, a partir de então, especialmente os nordestinos, que nos últimos 25 anos muito se têm avolumado. Uma exceção, porém, é justo que se faça: o *praiano* do chamado litoral norte paulista, que já tinha uma certa tradição agrícola, também cooperou para a formação de muitos bananais no litoral de São Paulo, tanto os de Caraguatatuba, como os de Itanhaém, embora seu número tenha sido sempre modesto.

Enquanto os "sítios" de banana foram tratados sob o regime do trabalhador diarista, isto é, no *regime do "camarada"*, como é mais popularmente conhecido nos variados tipos de lavouras do Brasil (19), as áreas bananeiras das baixadas litorâneas davam um aspecto de economia de "plantation". De fato, todos os característicos do sistema das "plantações" tropicais imperaram na bananicultura regional, a saber: a) as lavouras foram feitas à custa de capitais de fora, no geral de portugueses e espanhóis enriquecidos no comércio da cidade de Santos, ou desenvolvidas por um ou outro capitalista nacional, que, por pouco dinheiro, conseguiam grandes tratos de terras de antigos "posseiros" ou do próprio Governo; b) existência de grandes áreas cultivadas, contando no mínimo com 50 000 touceiras e, comumente, de mais de 100 000; c) um sistema dirigente que colocava o homem sob um duro regime de trabalho, em zona tropical úmida, de clima nada agradável; d) enfim, um sistema agrário com métodos clássicos de monocultura comercial e latifundiária, onde a terra é explorada ao máximo e, no caso, por quem não tinha por ela o mínimo cuidado. Devido a tais fatos, os chamados modestamente "sítios" de banana eram, na realidade, verdadeiras "plantations", nos arredores de Santos, São Vicente e Itanhaém.

As paisagens que compunham esses "sítios" muito diferiam das que se observavam nas propriedades rurais do planalto, onde as fazendas do interior paulista ou as das áreas mineiro-fluminenses apresentavam sempre, além dos cafezais, outros tipos de atividades agrárias, como a produção de cereais e a criação de gado.

(19) *Camarada* é o termo usado nos meios mais brasileiros para designar o trabalhador diarista e, às vezes, mensalista, que se dedica a trabalhos variados numa propriedade agrícola. Durante a escravidão, já havia os *camaradas*, em geral caboclos e pagos por dia de trabalho, em serviços de tropas, de tocadores de gado, carroceiros, carreiros, etc.



*Caminhão carregando banana na região de Jaguari para a Capital paulista.  
(Foto Jabonense, C. N. G.).*

“Basta um leve exame nos aspectos de uma séde de “sítio” de bananas para se observar o quanto é diferente de uma fazenda do interior. Num sítio, salvo a casa da séde, que apresenta uma construção mais cuidadosa, o resto são simples barracões de táboas cobertos de fólhas de zinco, às vezes de telhas, mas também em muitos casos de sapé. Tôdas as construções são sôbre estacas, devido à unidade e às enchentes; mesmo quando elas se encontram no sopé das encostas, são assim construídas, particularmente a casa da séde, pois os seus baixos são aproveitados para cozinha e salão comum de refeição para “camaradas”. Essas construções, na grande maioria dos “sítios”, não passam de três ou quatro, incluída a casa da séde. Nelas se alojam, esporadicamente, o dono do “sítio”, que mora na cidade e uma ou duas vêzes por mês visita sua propriedade; o “feitor”, que aqui faz o papel de administrador e que, no geral, é um antigo trabalhador do bananal; finalmente, os “camaradas”, em número o mais variado possível, desde que, não havendo contratos anuais, o trabalhador é volante. Até 1940, salvo o “feitor” e o “lancheiro”, que sempre foram mensalistas, bem como o “valeiro” e o “desbastador”, que sempre ganharam por empreitadas, todos os demais trabalhadores percebiam por dia. Nesses últimos dez anos, os bananeiros resolveram tratar os seus bananais por empreitadas, desde as “roçadas” até os “cortes” (20).

De qualquer forma, por empreitada ou por dia de trabalho, o camarada de um bananal é, por excelência, volante. Nada o atrai num “sítio” de banana por muito tempo, passando, assim, de uma propriedade para outra várias vêzes no ano, bem como dirigindo-se frequentemente à cidade. Portanto, o homem do bananal não se fixa: é um eterno caminhante. O patrão, permanecendo temporariamente na sua propriedade; o trabalhador, “camarada”, ou empregado, na sua grande maioria sem família, vivendo de um “sítio” para outro, num semi-nomadismo só comparável ao de nossas zonas de coleta e de indústrias extrativas vegetais.

Vivendo em promiscuidade nos barracões de madeira, sem quaisquer vestígios de higiene; com dias de trabalho pagos irregularmente e, assim mesmo na cidade de Santos, onde fica o patrão com o seu escritório; com descontos elevados nos seus ordenados, mercê não só do pagamento de sua pensão, como dos gastos extraordiná-

(20) Até a década de 1930, eram os seguintes os ordenados dos diferentes trabalhadores dos bananais: Feitor — em média de 700 a 1500 cruzeiros por mês, “livres”, isto é, com comida e casa por conta do patrão. Camarada — 8 a 10 cruzeiros por dia de serviço, pagando de 3 a 5 cruzeiros de pensão ao patrão. Desbastador e Valeiro — pagos por empreitada, de acordo com o tipo de serviço, de maneira a dar-lhes um ganho, às vezes, superior ao do próprio “feitor”. Essas quantias em cruzeiros, percebidas pelos trabalhadores dos bananais, poderão hoje (1957) ser multiplicadas por seis ou sete vêzes, devido à inflação.

rios em cigarros, fósforos, bebidas, etc.; trabalhando numa zona nada hospitaleira quanto ao seu clima, num tipo de trabalho árduo, — a situação do homem dos bananais em nada fica a dever à dos que labutam em outras zonas tropicais, no que diz respeito ao baixo padrão de vida. Aqui, como na zona cacaueteira da Bahia ou nos seringais da Amazônia, o trabalhador tem de enfrentar não só a natureza rude, mas também a rudeza do seu próprio semelhante” (21).

Esse resumo das paisagens bananeiras, por nós feito em 1950, ainda é válido, embora em parte, para os bananais mais antigos, nas áreas de Itanhaém, Santos, São Vicente e Caraguatatuba.

Já nas chamadas *áreas novas*, que, a partir daquela data, se abriram nos vales dos rios Juquiá, São Lourenço e Ribeira de Iguaçu, no litoral sul paulista, a situação modificou-se bastante e, felizmente, parece que para melhor.

Agora, já não são mais os capitalistas portugueses e espanhóis, indiscutivelmente, os pioneiros das plantações de bananais, os monopolizadores da produção e do comércio dessa fruta; brasileiros, em grande número, e agricultores japoneses cuidam também de bananais. E, em bases diferentes, a começar do tamanho das propriedades, que hoje podem ser realmente chamadas de *sítios de bananas*, no sentido verdadeiro do termo, pois de fato ocupam pequenas áreas e são cuidadas com mais carinho pelos seus donos. O regime de trabalho também se modificou, desde que, além do dono do bananal, que mora no sítio, com sua família, há famílias de trabalhadores, cujos serviços são pagos *à meia* e, na maioria das vezes, em *parceria*, isto é, recebendo cada família, por 5 000 touceiras de bananeiras tratadas, de 40, 60 e até 70% de cachos colhidos, de acordo com o tipo de contrato prévio, no qual o parceiro fica ou não com maiores responsabilidades de trabalho.

O domínio da pequena propriedade, nessas novas zonas (perto de 80% são pequenas propriedades), o uso já bem comum de adubos nos bananais, a melhoria dos tipos de habitação, bem como uma garantia maior ao produtor, através de cooperativas, que vêm estimulando a produção de cachos exportáveis, são traços evidentes de mudanças, na paisagem bananeira litorânea. Traços que, naturalmente, irão influir numa fixação maior da população nessa velha área de povoamento do Brasil, à custa da melhoria do seu nível de vida, até hoje um dos mais baixos do país.

(21) ARAUJO FILHO (J.R.de) — *A cultura da banana na Baixada do Itanhaém*, pág. 95-96. O trecho desse trabalho, aqui transcrito, vale, de modo geral, para todas as baixadas litorâneas do Brasil de Sudeste, particularmente as paulistas, onde se encontram os maiores bananais.

**O comércio bananeiro.** — Salvo o modesto comércio local, feito nas mais diferentes regiões brasileiras e onde a banana aparece o ano todo, embora com um valor em cruzeiros relativamente pequeno, devido ao seu baixo preço, só nos grandes centros urbanos é que essa fruta assume uma importância capital. Ora, é justamente no Brasil de Sudeste que se encontram os maiores centros urbanos do país; daí ser essa área brasileira a que apresenta o mais denso comércio bananeiro. Basta citar somente os exemplos de São Paulo e do Rio de Janeiro, metrópoles de mais de três milhões de habitantes cada uma, e que consomem, anualmente, perto de vinte milhões de cachos de bananas, o que corresponde a 11% do total da produção nacional.

Diariamente, a cidade de São Paulo recebe, pela ferrovia e pela rodovia, 400 toneladas de banana "nanica", provenientes do litoral.

Mas, é pela banana de exportação que os bananicultores das baixadas litorâneas têm mais interesse, por serem os preços bem melhores que os pagos nas praças comerciais do país.

Enquanto um cacho de exportação, com mais de 8 pencas, vale, em média, no pôrto de Santos, de 40 a 50 cruzeiros, no mercado interno não vai além da terça parte daquelas quantias; e, se compararmos um cacho exportável com um "descarte", a diferença se torna maior ainda.

Praticamente começada em princípios do nosso século e somente para os mercados do Rio da Prata, a exportação bananeira do Brasil que era, até a Primeira Grande-Guerra, do tipo chamado banana "branca", passou, a partir de 1920, a ser somente do tipo "nanica".

Enquanto predominou o primeiro tipo, os bananais principais encontravam-se nos litorais de Santa Catarina e Paraná; com a liderança da "musa sinensis", as áreas produtoras passaram para as baixadas paulistas e fluminenses onde, conforme já vimos, se encontram até hoje.

Pelos dados seguintes, tirados do livro de LOURENÇO GRANATO (22), podemos ver a evolução de exportação da banana "nanica" pelo pôrto de Santos, seu primeiro e sempre maior centro exportador:

(22) GRANATO (Lourenço) — *A Cultura da Bananeira*, São Paulo, 1913.

## EXPORTAÇÃO BRASILEIRA (em cachos)

ANOS	BRASIL	SANTOS
1906 .....	1 852 012	231 297
1908 .....	2 404 372	346 633
1910 .....	2 542 750	757 983
1912 .....	2 596 810	1 219 298

Em pouco mais de um quinquênio, o pôrto de Santos passou de 12 para 47% da exportação total de bananas do Brasil. Ele, que até a primeira década do século, fôra o terceiro exportador, passou, a partir de 1912, a primeiro pôrto bananeiro do Brasil, deixando para trás Florianópolis e Paranaguá, que há mais de 30 anos não concorrem no comércio exportador do produto.

É que, de há muito, a banana "branca", exportada por aqueles portos, deixou o seu lugar para a "nanica", único tipo de banana exportado pelo Brasil.

Na década 1925-1934, período dos mais significativos para o comércio bananeiro do Brasil, pois, além dos mercados da Argentina e do Uruguai, apareceram outros importadores, como a Inglaterra e a Holanda, só o pôrto de Santos exportou 54 487 000 cachos ou sejam 86,5% do total brasileiro naquele decênio (que foi de 63 672 000 cachos). Nos últimos 15 anos, a primazia do pôrto de Santos é quase absoluta, como se pode perceber pelos dados seguintes:

## EXPORTAÇÃO BRASILEIRA (em cachos)

ANO	BRASIL	SANTOS
1953 .....	8 935 559	8 915 159
1954 .....	11 961 189	11 957 473

Assim, nos últimos anos, a liderança do pôrto de Santos se acentuou extraordinariamente, a ponto de concorrer quase que sozinho (99%) para a exportação bananeira do Brasil. Isto se explica, não só pela sua situação geográfica privilegiada, tanto em relação aos bananais paulistas como aos do sudoeste fluminense (Parati e Angra dos Reis enviam-lhe o produto), como também pelo seu moderno aparelhamento de embarque e, ainda, pelo fato dos navios que tocam o seu porto terem sempre praça em abundância em direção ao Rio da Prata (23). Santos, que já era o

(23) No Brasil e na Argentina, particulares e os respectivos governos jamais tiveram idéia de organizar frotas de pequenos barcos especializados para o carregamento de frutas. São centenas de milhares de toneladas de banana brasileira para a Argentina, ou de peras, maçãs e pêssegos para o Brasil, anualmente transportados em navios dos mais variados tipos. Talvez esse fôsse um sistema de transporte marítimo, conjugado entre dois países de multicultura bem diferentes, de sucesso econômico garantido, segundo tudo parece indicar.

*pôrto do café*, transformou-se também, no século XX, no *pôrto da banana*.

Após o seu período máximo de exportação, no ano de 1939, quando foram enviados ao exterior mais de 12 milhões de cachos, o comércio bananeiro entrou em declínio devido ao segundo conflito mundial. Durante os cinco anos de guerra, em face das dificuldades de transportes, a exportação caiu extraordinariamente, embora o preço da fruta em Buenos-Aires fosse ótimo. É que, dependendo dos navios estrangeiros, o Brasil, só a muito custo, conseguia alguma praça nos poucos barcos que tocavam o pôrto de Santos.

Caindo a exportação, embora o mercado interno continuasse crescendo, os bananais litorâneos passaram por uma séria crise, sendo muitos deles abandonados, pois os preços se aviltavam cada vez mais. Mesmo nos primeiros anos de após-guerra, a exportação continuou pequena, em relação ao que fôra até 1939, conforme se vê pelo seguintes dados:

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA (em cachos)

ANOS	CACHOS
1939 .....	12 081 000
1940 .....	10 096 000
1941 .....	6 176 000
1942 .....	3 313 000
1943 .....	2 165 000
1944 .....	2 449 000
1945 .....	2 814 000
1946 .....	4 779 000
1947 .....	6 218 000
1948 .....	8 057 000
1949 .....	8 281 000
1950 .....	7 572 000
1951 .....	9 429 000
1952 .....	10 863 000
1953 .....	8 935 000
1954 .....	11 961 000

Por êsses dados vemos que, somente depois de 1948, a exportação bananeira tomou de novo mais incremento, para alcançar o seu máximo em 1954, quando se aproximou do que fôra antes da Guerra.

Argentina, Inglaterra e Uruguai são os grandes compradores da banana brasileira. Só o primeiro dêsses países compra 80%, em média, da nossa banana exportada. No corrente ano, estão os exportadores interessados no futuro mercado italiano, para onde enviaram no mês de março um primeiro carregamento de 45 000

cachos a título de experiência. Como a mercadoria chegou ao seu destino com apenas um por cento de perdas, estão os nossos bananicultores muito otimistas e procurando capturar para o Brasil esse grande importador que é a Itália, agora com dificuldades no comprar bananas da Somália, devido a razões políticas.

Contudo, ainda a Argentina será por muito tempo o nosso maior comprador, embora de um modo muito irregular no que diz respeito ao preço do produto, que tem sido dos mais variáveis. Esta instabilidade do mercado platino de bananas tem trazido graves prejuízos à bananicultura brasileira. E a falta de controle do comércio dessa fruta, por parte dos brasileiros, ainda mais avilta os seus preços. Quase todos os anos, justamente por volta do mês de maio, os exportadores, na eterna avidez de lucros, abarrotam a cidade de Buenos-Aires com centenas de milhares de toneladas de bananas, cujos postos revendedores fazem baixar, como é óbvio, o preço da fruta (24). O resultado é que muitos bananeiros deixam de cortar a sua fruta, pois não pagaria o sacrifício enviá-la ao porto exportador.

O mal que acontece com o nosso café, contando só com um grande mercado comprador, repete-se nas devidas proporções com o caso da banana. Em lugar de fazerem a propaganda do produto em outros centros de consumo, como os da Europa, por exemplo, mas, com fruta selecionada e bem embalada, nossos bananicultores, como que seguindo o exemplo dos nossos cafeicultores, preferem menos trabalho, produzindo produto mal cuidado e vendido, na maioria das vezes, por baixo preço.

Não percebendo ainda a importância da concorrência, assim como o valor da propaganda à custa de uma mercadoria de primeira ordem; não tendo amparo dos poderes públicos, que só têm olhares para o fisco; e tendo sempre em mira o lucro fácil e o enriquecimento rápido, o bananicultor é um dos muitos exemplos de agricultores brasileiros, que são antes *comerciantes* do que propriamente lavradores.

O comércio bananeiro do litoral sudeste do Brasil, que tem a seu favor a excelente posição geográfica das áreas produtoras, aliada a uma rede barata de comunicações (constituída na sua maior parte por água), poderia ser muito mais importante se não fossem aquelas séries de razões negativas citadas acima. Quem sabe se o sistema de *cooperativas*, já em franco progresso no país, virá em breve modificar a situação.

(24) No momento em que concluímos a redação do presente ensaio (21 e 22 de maio de 1957), nossos jornais noticiaram em grandes manchetes: "Abarrotado o mercado argentino; difícil a situação do produtor brasileiro". E isto acontece todos os anos, sem que, porém, se tomem providências definitivas para sanar o erro.